

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PAPEL DA MULHER

Amália Cardoso Alves¹

Resumo

Este artigo visa proporcionar uma discussão entre a conceituação dos termos “sexo” e “gênero” no sentido de esclarecer que apenas ser do sexo masculino ou feminino, não é uma condição suficiente para que os papéis sejam definidos socialmente. Há uma construção social que direciona o comportamento de homens e mulheres na sociedade. Aborda ainda, a concepção social da mulher dentro da esfera doméstica, evidenciando a diferenciação da educação dada às mulheres pela mãe e a educação dada aos homens, demonstrando que as jovens por uma questão tradicional continuam tendo a mãe como modelo, já os homens precisam passar por uma ruptura com a mãe, assumindo seu papel na esfera pública. Portanto, será salientada a questão biológica na determinação do sexo, em conjunto com a questão social, responsável pela constituição do “gênero”.

Palavras chaves: sexo, gênero, esfera pública e esfera doméstica

1 Diferenciação do conceito de “mulher” na perspectiva de sexo e gênero

A música “Mulher” de Erasmo Carlos, constitui alguns elementos em sua letra que merecem ser analisados de acordo com a perspectiva de “sexo” e “gênero”. O compositor retrata a figura feminina em um universo específico presente principalmente na estrofe:

¹ Professora do curso de Direito da Faculdade Atenas.

“Quando chego em casa a noitinha, quero uma mulher só minha, mas para quem deu a luz não tem mais jeito, porque o filho quer seu peito, o outro já reclama a sua mão, o outro quer o amor que ela tiver. Quatro homens dependentes e carentes da força da mulher”.

Desta forma, a expressão “força da mulher” se refere à mulher dentro da esfera doméstica, mencionando sua capacidade de se dedicar integralmente ao marido e aos filhos. A partir deste fragmento, e desta dedicação explicitada na letra da música se propõe uma discussão sobre o papel da mulher, buscando a conceituação do que é ser mulher dentro de uma perspectiva de sexo/gênero, relacionando estes conceitos a esfera pública e privada, obtendo-se assim, elementos para dialogar com diversos autores tendo como foco central que “toda realidade é socialmente construída” (FRANCHETTO, CALVALCANTI E HEILBORN, 1981:18).

Neste sentido, as variáveis que serão analisadas e discutidas neste trabalho serão: sexo/gênero, esfera pública e privada, papel social, e família, pois acredita-se que a partir delas será possível analisar o papel da mulher na sociedade vigente.

Como ponto de partida, deve-se proceder a uma distinção entre sexo e gênero, tendo como objeto de estudo a mulher, traçando a construção social do comportamento padronizado incorporado por esta categoria no decorrer dos anos, verificando que apesar dos movimentos feministas terem tido uma grande repercussão mundial principalmente a partir do Redstockings², vários aspectos foram modificados com relação ao comportamento feminino na sociedade, não perdendo de vista que ainda falta muito para que a mulher assuma um lugar de destaque no universo social, ela está na posição tão bem definida por Simone de Beauvoir (1970) como o segundo sexo, estando ligada diretamente ao primeiro, ocupado pelos homens.

Mas afinal o que é ser mulher? Dois aspectos merecem ser analisados diante deste questionamento, o primeiro relacionado aos aspectos biológicos que fazem parte da

² manifestação ocorrida em 1968, durante um concurso de beleza. Episódio em que foi pedido às mulheres que jogassem dentro de uma grande lixeira tudo que fosse representativo de tortura feminina, tal como: rolos de cabelo, salto alto, dentre outros.

constituição do sexo e o segundo tendo como base de estudo a elaboração da frase de BEAUVOIR (1970) “Não se nasce mulher, torna-se mulher” tendo como elemento de análise a influência da sociedade sobre a constituição do gênero.

Biologicamente, a mulher possui características próprias que a diferem do homem. Seus órgãos genitais, a sua capacidade de dar a vida a outro ser humano, o fato de possuir uma menstruação mensalmente e outras características que serão citadas posteriormente, nos fornece subsídios para uma discussão sobre o assunto do que é ser “mulher”.

De acordo com (BEAUVOIR, 1970:11) “a mulher tem ovários, um útero; eis as condições singulares que a encerram na sua subjetividade; diz-se de bom grado que ela pensa com suas glândulas”. A mulher está presa de certa forma a sua condição biológica, assim, a função reprodutora, destina a mulher a um universo distinto, limitando-a ao ambiente doméstico. “O organismo feminino, subjugando a mulher à função reprodutora, seria uma das bases sobre a qual se teria construído a subordinação da mulher”. (FRANCHETTO, CALVALCANTI E HEILBORN, 1981:20)

Assim, pode-se observar que os aspectos biológicos estão claramente evidenciados nos estudos referentes à subordinação e ao papel desempenhado pela mulher na sociedade.

A questão biológica se apresenta como um fator determinante do sexo, apesar de acarretar algumas dificuldades quanto a elaboração desta conceituação apenas a partir do biológico.

Nesta linha de pensamento, Anne Fausto Sterling (2001) faz uma análise da questão biológica da mulher no texto “Dualismo em duelo” a partir de um estudo de caso, salientando a dificuldade de se estabelecer critérios para se determinar a questão do sexo.

Nossos corpos são complexos demais para dar respostas claras sobre a diferença sexual. Quanto mais procuramos uma base física simples para o “sexo” mais claro fica que o “sexo” não é uma categoria física pura. Aqueles sinais e funções corporais que definimos como

masculinos e femininos já vêm misturados em nossas idéias sobre o gênero. (FAUSTO-STERLING, 2001:19)

A autora evidencia no texto em questão, o critério utilizado nas olimpíadas para se certificar a feminilidade, e que apesar de evidências externas próprias do corpo feminino, não eram suficientes para esta certificação.

Até 1968 as mulheres que competiam nas olimpíadas eram frequentemente convidadas a desfilarem nuas diante de um corpo de examinadores. Seios e uma vagina era tudo o que se necessitava para certificar a feminilidade. Mas muitas delas reclamavam que o processo era degradante. Em parte pelo aumento dessas reclamações, o COI decidiu fazer uso do moderno teste científico do cromossomo. (FAUSTO-STERLING, 2001: 14-15)

Na citação acima, fica claro o constrangimento que as mulheres sentiam por esta forma de certificação, mas ao passar para o estudo dos cromossomos, a ciência não consegue determinar com precisão os critérios necessários para se afirmar o que é ser mulher. Por exemplo:

Se uma criança nasce com dois cromossomos X, ovários, um útero na parte de dentro, mas com um pênis e uma bolsa escrotal na parte de fora, por exemplo, é um menino ou uma menina? A maioria dos médicos dirá que é uma menina, a despeito do pênis, por causa de seu potencial para dar a luz, e intervém usando cirurgia e hormônios para confirmar sua decisão. A escolha dos critérios a utilizar na determinação do sexo, e a escolha de simplesmente fazer essa determinação, são decisões sociais para as quais os cientistas não podem oferecer regras absolutas. (FAUSTO-STERLING, 2001:20)

O que se pode notar, é que as formulações científicas perpassam por um universo social e que até mesmo aspectos biológicos que a primeira vista seriam incontestáveis, sofrem algumas alterações dependendo da visão que os pesquisadores possuem sobre o assunto.

Não se pode negar os aspectos biológicos na elaboração conceitual do termo “mulher”, mas somente eles, não seriam suficientes para explicar um ser tão complexo, o fato de não se “nascer mulher, mas tornar-se mulher” de acordo com Beauvoir, faz com que pensemos em uma outra análise.

A autora não descarta a questão biológica como fator determinante de sexo, mas apresenta uma nova categoria, denominada de gênero, que se diferencia de sexo pela maneira pela qual os papéis são construídos socialmente. “Nessa linha de pensamento, a categoria “mulher” é pensada como incluindo traços biológicos e, também, aspectos socialmente construídos”. (PISCITELLI, 2008: 5)

E nesta relação biológica e social torna-se claro que a mulher tem pautado a sua vida em conjunto com as relações que ela estabelece com o sexo oposto. A mulher no decorrer da história esteve ligada ao homem de alguma forma, seja pelos laços de parentesco, na relação familiar com o pai e irmãos, seja através do casamento, no relacionamento com o marido, seja na opção religiosa na relação com Deus e assim sucessivamente.

Isto significa que na sociedade, o sexo feminino não é visualizado como algo independente, sempre há a figura masculina acompanhando-a, daí existir a relação de subordinação dela para com o homem, pois a construção social que se formou no decorrer dos tempos a coloca em condição de inferioridade ao sexo masculino.

Nesta relação entre os sexos, a questão da maternidade se torna latente, pois ao chegar a idade adulta se espera que a mulher tenha a perspectiva de ter filhos, e quando esta ideia não é um fator fundamental para ela, se torna um comportamento pouco aceitável socialmente.

Outro aspecto que pode ser observado empiricamente, é que a mulher quando faz opção de não se casar, é considerada uma pessoa sozinha, e taxada como solteirona, pois a sociedade tem como padrão o sexo feminino ligado ao masculino, numa estruturação cultural que a seus olhos soa como natural, mesmo tendo conhecimento de que há um processo emancipatório das mulheres que tem levado a diversas mudanças neste sentido.

Com relação a esta estruturação cultural sobre as mulheres ROSALDO (1979) ressalta que

o que talvez seja mais surpreendente é o fato de que noções culturais sobre as mulheres, frequentemente giram em torno de características biológicas ou naturais: fertilidade, maternidade, sexo e menstruação. E as mulheres, como esposas, mães, bruxas, parteiras, freiras ou prostitutas, são definidas quase exclusivamente em termos de suas funções sexuais. Uma bruxa, na tradição européia, é uma mulher que dorme com o diabo e uma freira é uma mulher que casa com o seu Deus. (ROSALDO, 1979:48)

Desta forma, a mulher está presa a um padrão estabelecido socialmente de que se ela não tem um companheiro está sozinha, tendo que justificar a presença de um ser masculino, mesmo quando a sua opção foi não ter um companheiro.

Este pensamento nos remete a ideia de que o sexo feminino relacionado sempre ao masculino, tem se processado através da história da mesma forma, o que não é verdade, pois a mulher tem assumido diferentes facetas em diferentes épocas. O comportamento social da mulher no início do século XX, por exemplo, em que nem o divórcio era algo comum na sociedade, é bem diferente do comportamento da mulher do século XXI.

Pode-se dizer como exemplo desta afirmativa que a mulher atual estabeleceu um padrão diferente da mulher do início do século passado. Hoje a mulher ocupou um lugar em espaços antes freqüentados somente para homens, como a universidade, a política, o mercado de trabalho, etc. A partir daí ela conseguiu sua independência financeira, buscando cada vez mais autonomia. Mas apesar dos avanços adquiridos no decorrer dos anos, ainda se verifica a dominação masculina.

O objetivo de se falar em dominação masculina dentro deste contexto vem de encontro com a necessidade de evidenciar que por um determinismo biológico ou por outros fatores sociais e culturais, a imagem de superioridade masculina está muito presente no imaginário coletivo e tanto homens e mulheres por mais que alguns segmentos lutem contra esta perspectiva, acabam reforçando os padrões existentes, colocando a mulher como um sexo secundário e desvalorizado em relação ao homem.

Ortner (1979) ressalta esta desvalorização feminina da seguinte forma:

Como explicaremos a desvalorização universal das mulheres? Certamente poderíamos nos basear no fato do determinismo biológico. Há algo de geneticamente inerente no macho (das espécies) de maneira que os deterministas biológicos argumentariam que isto naturalmente o torna o sexo dominante; este algo "falta às fêmeas, e como resultado, as mulheres não só são naturalmente subordinadas, mas também geralmente muito satisfeitas com sua posição desde que esta lhes proporcione proteção e oportunidade de valorizar os prazeres maternos, que são para elas as experiências mais satisfatórias da vida. (ORTNER, 1979 :99)

Nesta citação, aparece outro elemento que deve ser analisado. Nem sempre as mulheres se mostram insatisfeitas com a dominação masculina, que parece tão natural, elas se sentem protegidas pelo homem, utilizando a maternidade para dar a satisfação necessária para "camuflar" a sua situação de subordinação. Este não se apresenta como um fato conflitante dentro do universo doméstico pois segundo ROSALDO (1979)

somos herdeiros de uma tradição sociológica que trata a mulher como essencialmente desinteressante e irrelevante, aceitando como necessário, natural e profundamente problemático o fato de que, em toda a cultura humana, a mulher de alguma forma é subordinada ao homem. (ROSALDO, 1979: 33)

Nota-se que ROSALDO (1979) lida com a idéia de assimetria, evidenciando o status e poder na esfera pública e privada, enquanto ORTNER (1979) trabalha com a idéia de inferioridade da mulher, evidenciando a dominação masculina em um contexto que a cultura transcende a natureza.

Analisando estas ideias, tem-se que a relação de dominação masculina, em ROSALDO (1979) pressupõe os aspectos relacionados com o ambiente doméstico, com a relação da mãe com a educação dos filhos, assim como a relação entre ela e o marido, que por sua vez assume a esfera pública dedicada essencialmente a eles elevando o seu status.

Assim (ROSALDO, 1979:53) diz que "o status feminino será mais baixo nas sociedades onde há uma firme diferenciação entre as esferas de atividades doméstica e pública

e onde as mulheres são isoladas umas das outras e subordinadas à autoridade de um único homem no lar”.

Desta forma há uma tradição em fazer com que a subordinação feminina seja vista como algo natural e por este motivo, deve ser aceita sem questionamentos para a maioria das mulheres, que fazem parte da esfera doméstica.

Para ORTNER (1979) a dominação masculina tem a ver com o binômio cultura/natureza, no qual o homem é relacionado à cultura e a mulher à natureza, e esta dominação além do aspecto cultural em que coloca o homem desvincilhado dos aspectos relacionados ao lar, colocando-o numa posição de destaque na sociedade, tem a ver com aspectos biológicos.

Nota-se através do pensamento de ORTNER (1979) a clara distinção entre a mulher e o homem em que a primeira assume as responsabilidades da esfera doméstica, tendo como função organizar a vida dentro do lar, sendo responsável pela educação dos filhos e pelo conforto do marido em casa, deixando os assuntos da esfera pública aos homens, que ainda se apresentam como o provedor do alimento, mesmo que as despesas da casa sejam divididas entre o casal

A justificativa para esta distinção está no fato da mulher dar a vida, assim ela fica presa ao universo doméstico. Ao ter os filhos, o homem está livre para desenvolver qualquer tipo de atividade na esfera pública, se desvincilha do compromisso de “criar” o filho dentro da esfera doméstica, pois este papel cabe à mãe. A divisão do trabalho social vai se distinguindo e ficando claro para ambos qual a sua função dentro da família.

Embora o fato das mulheres gerarem e alimentarem os filhos aparentemente não acarretar vínculos predeterminados é oportuno proporcionar um enfoque para a mais simples distinção na distribuição adulta do trabalho de todo o grupo humano. As mulheres são absorvidas principalmente em atividades domésticas devido ao seu papel de mãe. (ROSALDO, 1979: 40)

E a mulher imbuída de seu papel de mãe, reproduz os padrões determinados socialmente quanto à subordinação feminina. Ela cuida igualmente de seus filhos do sexo masculino ou feminino, mas os educa de maneira diferenciada. A menina é educada para ter a mãe como modelo, e o seu papel vai sendo incorporado paulatinamente. “As maneiras e as atividades femininas são adquiridas de uma forma que parece fácil e natural. A família da jovem lhe proporciona um quadro compreensível e adequado de muitas das possibilidades e relações importantes que a definirão através da vida”. (ROSALDO, 1979:41)

Os modelos socialmente construídos do que deve ser uma mulher, vão sendo dados a jovem, para que ela se enquadre no padrão comportamental esperado pela sociedade.

Assim:

Crescendo numa família, a jovem provavelmente tem mais experiência dos outros como indivíduos do que como possuidores de papéis institucionalizados formais; então, ela aprende como perseguir seus próprios interesses obtendo a simpatia de outras pessoas, sendo educada, compreensível e amável. Ela desenvolve uma psicologia “feminina” (ROSALDO, 1979:42)

A mesma mãe que educa a filha para incorporar a docilidade feminina, precisa educar o menino para que ele tenha uma ruptura com ela e incorporar os padrões esperados socialmente para o modelo masculino.

Qualquer que seja o sofrimento de fato associado com a socialização feminina, a maioria das culturas assumem que é relativamente fácil para uma jovem se tornar mulher; esse processo é aceito como indiscutível nas sociedades em geral. A experiência do homem falha nessa continuidade, ele pode ser arrancado da esfera doméstica onde passou sua infância, por meio de uma série de rituais ou iniciações que o ensinaram a rejeitar e desprezar o mundo de sua mãe e a procurar sua virilidade fora do lar. Uma mulher torna-se mulher ao seguir os passos de sua mãe, enquanto que na experiência masculina é necessário haver uma quebra. (ROSALDO, 1979:45)

Esta discussão se torna relevante ao entendimento do assunto proposto, pois percebe-se que o gênero que é a construção social da realidade, nos leva a verificação de que

a mulher é preparada na esfera doméstica para o cuidado que deve ter com o marido e os filhos. E mesmo rompendo alguns laços com este ambiente, não está desvinculada dele, e por mais que ela tenha alcançado uma autonomia e independência financeira, ainda está ligada ao homem por laços de submissão, que pode ser explicada pelas questões de sexo/gênero.

Nesta linha de pensamento, torna-se evidente a importância da maternidade na vida da mulher, e ao negar esta vontade natural, nem sempre ela é aceita socialmente. Exemplo desta afirmativa se apresenta no comentário que Heleieth Saffioti (1999) faz com relação à Simone de Beauvoir

Beauvoir mostrou-se capaz, não apenas de inovar em suas condutas, como de persistir em inovações reprovadas pela sociedade de então. Manteve, por décadas, uma relação amorosa aberta, fez vários abortos, recusou-se a ter filhos, lutou por causas que, ainda hoje, se consideram justas, mas ousadas. Não portanto, motivos racionais para denegri-la. Pode-se fazê-lo no domínio emocional. Atualmente, há milhares de mulheres que escolhem não ter filhos. É verdade que a sociedade as aceita com dificuldade. (SAFIOTTI, 1999:158)

Criou-se um modelo feminino a ser seguido, e aceitar as mulheres que desviam deste padrão, ainda se configura como uma forma de conduta pouco aceitável. É como se toda mulher tivesse que se realizar tendo seus filhos.

A noção de parentesco ligado à submissão da mulher, apesar do avanço que elas tiveram principalmente a partir dos estudos de Simone de Beauvoir, na década de 40 do século passado, sendo referência para os estudos de gênero na atualidade, perpassa pela teoria de Gayle Rubin em seu texto “o tráfico de mulheres” (1975) em que faz referência à submissão pelo parentesco tomando como base o estudo de Marx, com relação aos estudos de classe social, colocando a mulher dentro de um modelo de opressão.

A autora menciona um trecho do primeiro volume de “O Capital” de Karl Marx, em que o mesmo coloca em seu estudo sobre as classes sociais, que um negro é um negro, e que se torna escravo através dos acontecimentos sociais, isto quer dizer que o fato de ser negro, não é condição o bastante para que alguém seja escravo, mas a partir do momento em

que se convencionou que o negro é um escravo, significa que esta situação é uma construção social que foi elaborada por uma elite. No caso feminino, como evidencia Gayle Rubin (1975), seguindo a lógica marxista sobre os negros, ser mulher não é condição necessária para que ela seja objeto de opressão, mas o que a faz ser oprimida pelos homens é a maneira com que as relações vão se estabelecendo na sociedade.

Portanto, ao se falar de sexo/gênero pode-se afirmar que sexo se refere mais aos aspectos biológicos que distinguem homem-mulher, e gênero é uma construção social dos papéis assumidos por estes sexos dentro de um determinado contexto histórico, social e cultural.

Considerações finais

Este artigo teve como proposta analisar o papel da mulher na sociedade atual trazendo à tona uma discussão sobre sexo/gênero relacionando estes aspectos à esfera pública e privada. Assim as conclusões sobre o assunto evidenciam as diferenças entre homens e mulheres de acordo com a construção social que se processou através dos tempos.

O homem assume um papel de destaque na sociedade por uma questão biológica e social, sendo considerado como o primeiro sexo, como mencionado por Simone de Beauvoir (1967).

Neste sentido entende-se que há uma dominação masculina sobre a mulher, no qual, mesmo tendo ocupado posições diferenciadas na sociedade, estando inserida ao mercado de trabalho, continua presa à esfera doméstica, sendo responsável pelo bem estar dos filhos e do marido.

Outro aspecto relevante do trabalho foi a percepção da importância da maternidade para a mulher e para a sociedade na qual ela está inserida. A mulher segundo as autoras pesquisadas, se realiza na maternidade e desta forma aceita a dominação masculina, pois se sente protegida dentro da esfera mencionada.

Observou-se ainda que ser mulher não é somente uma questão biológica, mas a construção social dos papéis desempenhados por ela na sociedade, dão a exata medida da conceituação do que é ser mulher.

A família é um fator preponderante na construção deste papel e a educação dos filhos reforça o padrão que vem sendo seguido socialmente, uma vez que as meninas são educadas para ter a mãe como exemplo e os meninos para “romper” com ela para seguir uma postura mais adequada ao sexo.

É evidente que este romper não significa se separar da mãe, mas o filho é educado para ocupar seu lugar na esfera pública enquanto a filha permanece ligada à esfera doméstica.

Enfim, este artigo não tem a pretensão de dar uma explicação aprofundada sobre o assunto, mas pretende que a partir das questões levantadas, outras pesquisas possam surgir com o objetivo de se estudar qual o papel desempenhado pela mulher na sociedade atual.

Referência Bibliográfica

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: A Experiência Viva**. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1967.

BEUAVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1970.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Dualismo em duelo**. Cadernos Pagu (17-18) Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero. Pagu/Unicamp, 2001.

FRANCHETTO, Bruna, CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro e HEILBRN, Maria Luíza. **Antropologia e Feminismo. Perspectivas Antropológicas da Mulher**, v.1. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

HARAWAY, Donna. **Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra**. Cadernos Pagu (22). Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2004.

ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michelle e LAMPHERE, Loise. (orgs) **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a categoria mulher? In: PISCITELLI, Adriana e ALGRANTI, Leila Mezan, (org) **A Prática Feminista e o Conceito de Gênero**. Textos didáticos, Campinas, SP, IFCH/Unicamp.

ROSALDO, Michelle Z. A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica. In: ROSALDO, Michelle e LAMPHERE, Loise. (orgs) **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

RUBIN, Gayle. **The Traffic in Women: notes on the political economy of sex**. In: REITER, R. (org) *Toward an Anthropology of woman*. New York: Monthly Review Press, 1975.

SAFFIOTI, Heleieth. **Primórdios do conceito de gênero**. Cadernos Pagu (12). Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero. Pagu/Unicamp, 2001.